Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

O homem ideal na sociedade do progresso

http://hdl.handle.net/11067/8165
https://doi.org/10.34628/92J5-ZC79

Metadados

Data de Publicação 2018

Resumo O homem ideal é o que cresce na beleza, fortalece-se na força e ambiciona a sabedoria. A sua busca incessante é um ideal da Arquitetura na sua Humanidade; procura-se desde que tem a trágica consciência da sua existência nos lugares fundados do Mundo. A sua grandeza, é a grandeza da Arquitetura que lhe dá dimensão, potência e forma na Sociedade em progresso....

The ideal man is the one who grows in beauty, strengthens himself in strength and aspires to wisdom. His incessant quest is an ideal of Architecture in his Humanity; is sought since it has the tragic consciousness of its existence in the founding places of the World. Its greatness is the greatness of Architecture that gives it dimension, power and form in the Society in progress....

Tipo bookPart

Editora Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T23:03:11Z com informação proveniente do Repositório

O HOMEM IDEAL NA SOCIEDADE DE PROGRESSO

Capitólio - Miguel Angelo

Resumo: O homem ideal é o que cresce na beleza, fortalece-se na força e ambiciona a sabedoria. a sua busca incessante é um ideal da Arquitetura na sua Humanidade; procura-se desde que tem a trágica consciência da sua existência nos lugares fundados do Mundo. A sua grandeza, é a grandeza da Arquitetura que lhe dá dimensão, potência e forma na Sociedade em progresso

Abstract: The ideal man is the one who grows in beauty, strengthens himself in strength and aspires to wisdom. his incessant quest is an ideal of Architecture in his Humanity; is sought since it has the tragic consciousness of its existence in the founding places of the World. Its greatness is the greatness of Architecture that gives it dimension, power and form in the Society in progress.

A Humanidade tem desde a sua origem, o profundo ensejo de atingir uma perfeição formal, construindo para além das capacidades formais, originando as cidades como elemento agregador das suas vontades de ser civilizacional. Do animalesco ao refúgio nas cavernas, iniciou-se o sentido de conceber regras e valores de evolução da sociedade. Da veleitura da tectónica oferecida pela natureza, inventou-se o estereotómico, onde a construção feita por adição de matéria transformada, ao invés da subtração mera, conduziu à grandeza imposta pela linguagem da beleza e da técnica.

O homem social é escravo da sua evolução, em que as suas necessidades passaram a ser criadas por cada individuo, no grupo que o acolhe e no contexto que o envolve, e no sentido de responder às suas ambições pessoais. a procura do ideal é a origem de todas as necessidades que o homem cria e que o leva a lutar pelo progresso inexorável.

O homem ama a beleza, cria o conhecimento e pela força descobre que a técnica vai sucessivamente anulando sucessivos limites.

As cidades são o repositório de uma sociedade em sucessiva evolução e transformação, e a luta da sobrevivência e afirmação de vontades, são indómitas para com o domínio do universo. Somos a medida de todas as coisas do macro aos microcosmos, e o aumento do progresso material contribui para o desenvolvimento e crescimento da massa das urbes, na medida em que consistem no alimentar dos desejos refletidos numa determinada vontade de progresso. São estes desejos, nesta busca constante pela ideia perfeita, que permitem a evolução das cidades como reflexo da sociedade e dos cidadãos, que dela se alimentam.

Desde que Platão na República enunciou uns princípios ideais para a construção de uma nova cidade e sociedade, que se legitimou a construção de um ideal de vivencia democrática e livre. a obra funda-se na necessidade de educação de cada cidadão, como meio de consolidação do cidadão ideal.

A construção do dito homem é fundamental para a cidade ideal e sociedade ideal; contudo cristaliza-se nessa utopia de que a vontade individual não existe face ao coletivo. por tal, todos os ditadores, nas suas sociedades ideais, não preveem o seu colapso, pela existência dos anarquistas.

Aristóteles, na sua Política, amplia a vontade do sistema ideal, fundado no valor do lugar, mas ocupa-se dos processos das funções sociais, para dar o sentido do cidadão que funda a sua cidade, mas que dela exige o retorno do seu ideal.

As sucessivas circunstâncias que a todo momento exigem uma cidade ideal, exigem também cidadãos ideais, permanecerão sempre apenas como ideais, porque a todo o tempo as novas necessidades procuram respostas, o ideal do passado é sucessivamente superado.

Depois da idade da beleza clássica, a idade da força manifestou-se com a industrialização e o fim das linguagens especulativas da composição. o século XX traz a operatividade da rotura definitiva com um passado e crença que 'o sonho

e a poesia brotam a cada instante do progresso técnico' deslumbre tido por Le Corbusier.

A nova idade técnica tecnológica esventra teluricamente a mãe terra e dela violentamente retira materiais e fluidos, com que a energia se produz.

A cidade sustentada, perene, da erudição e da construção operativa, não resiste ao seu aumento exponencial na população, na construção, nas vias de circulação. o cosmopolismo desencadeia graves e novos problemas sociais, a que a técnica revolucionária nas suas boas intenções, não traz paz nem certeza de vida social. a cidade da sociedade maquinista não soube recorrer à máquina no planeamento, consolidação e construção das cidades, que cresceram a uma velocidade incontrolável de modo a responder à demanda do quê lhes é exigido; esta sociedade terminou com o artesão, último vínculo para com a sociedade natural da demanda direta para com o que a natureza oferecia.

A máquina, que está a ser usada de modo descontrolado, porque o pior pecado está triunfante e exuberante de grandeza, a ganância, é a grande aliada da progressão da máquina, e seu poder é ilimitado, como se sente e consente. Ganância e máquina, máquina e ganância, numa gigantesca simbiose de capacidade e vontade de embrutecimento do mundo, face à dádiva da tecnologia, qual ópio balsâmico. A indústria, coloca a máquina, numa posição de domínio sobre o homem, que está dominado, controlado e diminuído, passando a mero operário sem qualquer sem qualquer participação na tarefa que executa, recebendo tecnologia de entretenimento e cultivando o ócio do consumo. O homem inútil.

No século XX, um novo individuo ideal, pode nascer; após o homem vitruviano da idade da beleza, Le Corbusier inventa um individuo ideal, como elemento de referência para com a nova sociedade industrial e tecnológica. E Le Corbusier alia-se aos grandes fomentadores telúricos desta mudança; os automóveis e os seus mentores, parametrizam as cidades, as vias de circulação, os edifícios, as habitações, o tempo da sociedade e dos seus cidadãos. Este novo individuo, capaz de usar a técnica com destreza, sente-se deslumbrado nesta nova ambiência, em que tudo é produzido sem que as suas mãos intervenham. Le Corbusier assume a sua vontade de mostrar a esta sociedade moderna o milagre da produção em série; se a arquitetura é a máxima expressão da consolidação de uma sociedade, a sua habitação moderna faz entender o homem moderno para quem Le Corbusier projetava. Deus Ex Machina

Num contexto de produção em série, onde o automóvel e o avião assumem um papel ativo, o processo de estandardização também na habitação, irá resultar na banalização necessária e consequente da produção em massa. Contudo nesta idade de força, Le Corbusier ancora-se ainda na idade da beleza, e socorre-se do quadrado, na sua unidade, para elaborar um esquema de proporções e regras da secção de ouro. Esta medida harmónica, reinventada, pretende ser a legitimidade das relações da produção universal da indústria da habitação.

> 'Considere o homem com o braço erguido, com 2.20 m de altura; insera-o em dois quadrados sobrepostos, de 1.1 por 1.1 metro; justaponha um terceiro quadrado aos 2 primeiros. Este 3º quadrado deverá dar-lhe a solução. O lugar do angulo recto [sinal da construção humana] deve poder ajuda-lo a posicionar o terceiro quadrado. Com esta grelha de obra, pautada pelo ser humano instalado no seu interior, estou convencido de que chegará a uma série de medidas que conciliarão a estatura humana (o braço erguido) e a matemática' Le Corbusier, 1965

Este resultado deu origem a uma grelha que possibilitou o envio para o estaleiro como referência de proporções e medidas, mas a resposta foi dada pelo Modulor, na altura de 1.75 m, como a referência máxima da relação entre o homem e o cosmos.

> 'O Modulor é um instrumento de medição baseado na estrutura humana e na matemática. Um homem com o braço erguido proporciona entre os pontos determinantes da ocupação do espaço - o pé, o plexo solar, a cabeça, a extremidade dos dedos do braço levantado - três intervalos que geram uma série de secções de ouro, dita de Fibonacci. Por outro lado, a matemática oferece a mais simples assim como a mais forte variação de um valor; a unidade, o dobro, as secções de ouro.' Le Corbusier, 1965

Estava inventado o homem ideal, corrigido que foi no seu percentil de 1.75 m para um 1.83 m, servindo as necessidades de um usuário ideal, capaz de viver numa comunidade independente, num espaço racionalizado e de formas puras, independentemente do contexto onde se encontra. os novos edifícios de Le Corbusier comportariam tudo o que o homem pudesse precisar. estava lançado o repto da habitação tecnológica e o mundo não voltará a ser o mesmo.

Partindo da premissa que a arquitetura é resposta às necessidades do seu utilizador, o entendimento do homem moderno torna-se fulcral enquanto elemento definidor da cidade. As circunstâncias permitem reconhecer a formação da sociedade que originou uma cultura moderna em torno da relação do homem moderno com a máquina e não mais se divorciou, antes vivem alheados e em vidas suspensas.

A 1ª Guerra Mundial marca definitivamente o fim de uma época anterior, milenar, quimérica, alquímica. O modernismo fez a transição do individuo comum para o indivíduo consumista, como sumula do triunfo do que quer que seja; 'O capitalismo avançado criou uma sociedade de indivíduos alienados e sem qualquer sentido de experiência ontológica genuína' Leach, 2005.

Continuadamente, um individuo ideal é inventado para serviço de cada idade, cada ditadura, de cada Messias. Vivemos agora numa idade de individuo ideal de perfil virtual. o sujeito ideal não vive na cidade, vive em suspenso nas redes sociais e se ainda lá não vive, vai viver.

Não é este um mundo melhor nem pior que a história do mundo; antes distinto. vivemos um tempo de mudança, na confiança na tecnologia para além da confiança do homem ideal em si mesmo. A arquitetura continua a senda do repositório de valores de cada sociedade, mas que valores se sustentam agora, que a ganância tomou conta de tudo, sob o aspeto do consumo, que sacia e vicia?

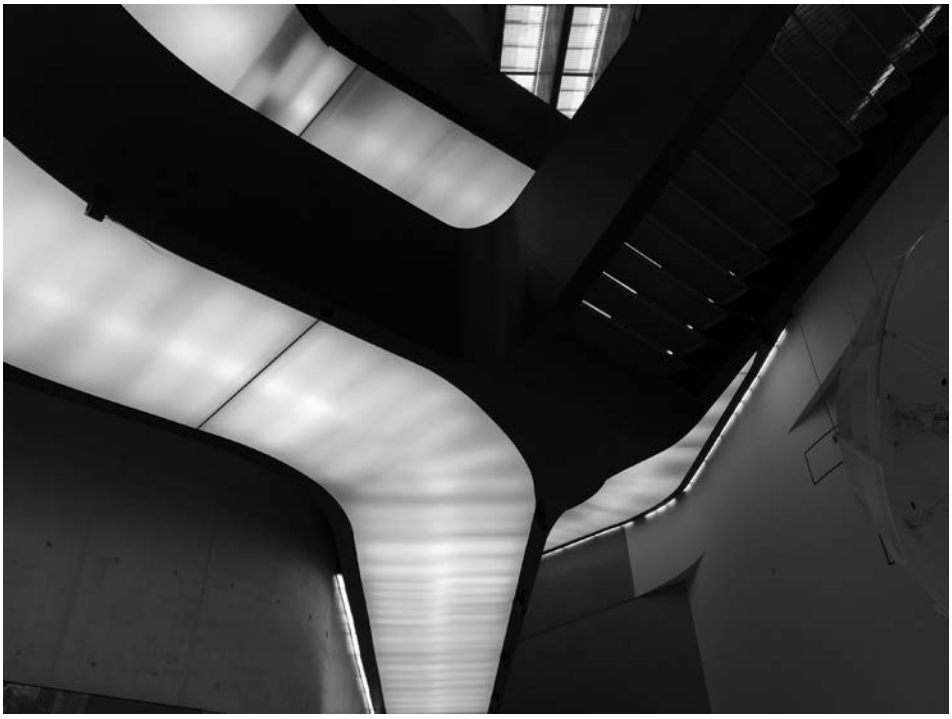
Que arquitetura para este novo tempo, tecnológico e virtual? a arquitetura do tempo da indústria, foi múltipla, indistinta, formatada. Que cidade para cidadãos sem cidadania, que arquitetura para cidadãos sem ambição de a reconhecer? A arquitetura quando desistiu de ser perene, assumiu-se inconsequente para com o imediato. Sobrevive ao momento, mas é incapaz de ser eternidade? A Arquitetura não constrói algoritmos de atualização e protocolos com a sociedade? É tão só uma vontade de assemblagem de elementos, numa operação de montagem e substituição futura.

Interessa ainda entender a cidade como expressão física de uma sociedade que dela se utiliza, recorrendo à arquitetura para lhe dar forma. o seu carácter formal e a organização substantiva, revelam a cultura, informação e organização de uma estrutura complexa, quer física quer metafisica, uma vez que a cidade não é formada apenas pelos aspetos físicos e inequívocos, mas por uma rede global de comunicações de fluxos.

Qual é o homem ideal deste tempo? que referencia é a arquitetura formal e substantiva? qual a forma da cidade virtual?

Sou um homem ideal, neste tempo da sabedoria, porque me interrogo, sem respostas, neste tempo em suspenso. Há um anjo que nos guarda; um anjo da arquitetura que tem atravessado os tempos e que zela por esta grandeza da construção ideal.

O Anjo da Guarda da Arquitectura



Maxxi - Roma - Zaha Hadid